

Resenha

Dororidade: A união das mulheres pretas através da dor

Jéssica Cristina Alvaro de Oliveira

Mestra em Políticas Sociais (UENF – Darcy Ribeiro) e Doutoranda em Cognição e Linguagem (UENF – Darcy Ribeiro)

O livro de Vilma Piedade, *Dororidade* (2019), traz fundamentação teórica ao conceito que intitula a obra. Ele é dividido em cinco sessões que apresentam: as inquietações da autora sobre a elaboração do conceito; seus pontos de vista no que se refere a dor resultante do processo de escravização e das estratégias de extermínio e subalternização da população preta; a urgência da racialização da discussão e projeto societário dos feminismos na contemporaneidade; bem como a compreensão do poder feminino presente na tradição Iorubá, a partir da ruptura com a lógica ocidental de objetificação do corpo de mulheres pretas.

No prefácio, Marcia Tiburi conta ao leitor que viu o conceito nascer em uma tarde de sábado enquanto eram discutidos os rumos do movimento de protagonismo de mulheres para a política, no Instituto Cultural Rose Marie Muraro. Tiburi relata que no intervalo do café, após ouvir a contribuição de diversas mulheres, Vilma Piedade chega diante dela e afirma: “Não é sororidade, é Dororidade”. Ou seja, a centralidade da discussão feminista não pode se ater à união entre as mulheres sem compreender o lugar da dor na experiência de mulheres plurais.

O livro é lançado em 2017, ano que antecede as eleições presidenciais de 2018 e a morte da vereadora Marielle Franco, em março do mesmo ano. O cenário político nacional deste período é marcado por grande tensão no que se refere à ascensão conservadora com princípios racistas, homofóbicos e machistas. Os movimentos de mulheres e movimentos negros se organizam para pleitear as instancias de poder a fim de frear este levante conservador. Enquanto resultado desta organização, no ano 2018 há o crescimento de 52,6% de mulheres eleitas, em relação ao ano de 2014, segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Entretanto, a corrida eleitoral para a presidência é conquistada por uma chapa que defende pautas e realizam práticas que atentam contra humanidade.

Vilma Piedade é natural do Rio de Janeiro, além de escritora é professora de língua portuguesa e é de religiosidade de matriz africana, filha de Oyá e aquariana. A autora é uma das grandes referências do movimento de mulheres, em especial de mulheres pretas. Digo em especial, pois enquanto pesquisadora do “standpoint” feminista negro constato a notável contribuição da autora nas produções de intelectuais brasileiras. Dessa maneira, esse livro que é relativamente curto e de fácil leitura, lançado em 2017 e reimpresso em 2019, apresenta esplendidamente um lugar de convergência entre a experiência das mulheres pretas: o lugar da Dor.

Antes de tudo, vale frisar que em uma entrevista cedida ao programa “Encontro com Fátima Bernardes” no dia 27 de dezembro de 2018, Vilma Piedade diz que não pretende disputar com a dor de mulheres brancas, pois segundo ela não há como medir as dores das pessoas. Nesse sentido, seu conceito tem por objetivo dialogar com o conceito de sororidade que segundo a autora parece não dar conta da nossa “pretitude”. Piedade (2019, p. 17) diz que a etimologia da palavra sororidade vem de *sóror*, uma palavra do latim que significa irmãs, ou seja, o feminismo deve ser então ancorado no apoio e na união entre as mulheres. Já dororidade, vem de dor, sofrimento, que marcam as experiências de mulheres pretas em afrodiáspora. Assim, nas cinco sessões do livro a autora evidencia a origem da dor e a agência das mulheres pretas na sociedade brasileira.

Na sessão intitulada “Dororidade”, Vilma Piedade apresenta aos leitores toda angústia que envolveu a criação do conceito. Essa angústia está na dificuldade de se enxergar enquanto criadora/autora, pois segundo ela, os conceitos em sua totalidade foram criados por filósofos, teóricos, homens e brancos. A autora está em total oposição aos tradicionais forjadores de conceitos já que não possui formação em filosofia, é mulher e negra e, como consequência, há uma dificuldade em se enxergar nesse lugar. Entretanto, próxima da teoria de Roland Barthes de que “a língua é a arena da luta de classes...”, Vilma Piedade (2019) desbrava esse campo com maestria e nos brinda com um conceito que dá fundamentação teórica ao que tantas de nós, mulheres pretas, sentimos e não conseguimos relatar.

A autora elucida que essa Dor é cunhada com o sequestro e a escravidão de membros/as de diversas sociedades africanas que tiveram seus direitos violados ao que tange à língua, cultura, religião e a própria vida. Vilma Piedade (2019, p. 20), resolve rapidamente umas das questões mais atuais da discussão racial no Brasil, e, é enfática: “Digo Pretas e não negras para não continuar alimentando a base estrutural da Opressão provocada pelo Racismo”. Assim, ao se situar enquanto preta a autora se posiciona contra o projeto de dominação racial da branquitude que utiliza o termo “negro” enquanto estratégia de assujeitamento de africanas/os e afrodescendentes.

Sueli Carneiro (2011) relata que o estupro colonial realizado contra mulheres pretas e indígenas sustenta o mito da democracia racial, largamente difundido no Brasil e no mundo “tornando-se o ‘cimento’ de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossa sociedade”. A afirmação de Sueli Carneiro nos dá elementos para refletir sobre a não administração de analgesia no parto de gestantes pretas, apresentada por Vilma Piedade. Isso porque, enquanto o estupro colonial foi romantizado e mulheres pretas escravizadas exerciam e ainda exercem múltiplas jornadas, o “mito da mulher forte e resistente” é projetado em suas imagens. Assim, as reivindicações feministas por emprego e pelo fim do mito da fragilidade feminina jamais contemplou mulheres pretas e, por isso, a construção do conceito proposto por Vilma Piedade,

pois as relações de sororidade parecem precisar de Dororidade. “Um contém o outro”, “Assim como o barulho contém o silêncio. Dororidade, pois, contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é preta” (PIEIDADE, 2019, p. 16).

Na sessão intitulada “O poder feminino na tradição iorubá” a autora explica que seu texto é ancorado na noção de tradição resultante de um conjunto diverso de experiências culturais africanas, estabelecendo diálogo com as experiências que resistem, se modificam e se rearticulam, apesar da colonização. Assim, ao falar de tradição Piedade não está se referindo ao antigo, mas ao que se mantém em movimento. Ninguém é mais movimento do que Iansã, uma das representações do poder feminino da tradição Iorubá, Orixá dos raios e trovões e regente da cabeça da autora.

Recorrendo a tradição Iorubá, a autora apresenta como o corpo de mulheres pretas são vistos pelo ocidente, cujos valores estão ancorados na tradição judaico-cristã e faz um paralelo de como esses mesmos corpos são vistos na tradição Iorubá. De um lado, um corpo-objeto e de outro lado um corpo liberto exemplificado a partir da figura de Iansã e sua dança. “Por meio da dança, o corpo é um território livre, mesmo tendo sido marcado a ferro e fogo pela escravidão, e ainda marcado pela violência do Racismo!” (PIEIDADE, 2019, p. 31). Ao aproximar sua teoria de uma tradição cujo feminino tem protagonismo a autora acaba por convocar às mulheres pretas a “[...] abandonar a visão eurocêntrica do feminismo, aproveitar o que nessa teoria fortalece a luta, contudo, sem perder de vista as estratégias de luta que se pode utilizar no Feminismo Preto (PIEIDADE, 2019, p. 34).

Na sessão intitulada “Dororidade... Racismo Religioso... Feminismo...”, Vilma Piedade aproxima os casos de violação das Comunidades Tradicionais de Matriz Africana às experiências de mulheres pretas. Isso porque a perseguição se dá ao “sagrado fundado por mulheres”. O terreiro enquanto território é espaço de preservação da ancestralidade africana, de valores Civilizatórios e da preservação da língua iorubá cuja resistência das mulheres de axé foi fundamental para a manutenção desses conhecimentos. A partir do racismo religioso, uma das faces do racismo, se desenvolveram estratégias estatais para criminalizar e demonizar a religiosidade de matriz africana, e o Código Penal de 1890 é somente um dos exemplos apresentados pela autora.

Nessa sessão a autora ainda chama atenção para o papel do Feminismo Contemporâneo. Para ela, enquanto os valores civilizatórios das mulheres pretas não forem incorporados nas ações e práticas feministas é impossível falar em interseccionalidade. Então é preciso falar de racismo, pois racismo mata. Se as religiões Afro-Brasileiras estão em vulnerabilidade e a maioria dos terreiros são liderados por mulheres, esse é um problema das mulheres no geral. Assim, a autora clama “[...] por uma Democracia Feminista com o toque do tambor... com o girar das nossas saias. Por uma Democracia que inclua todas as Mulheres!” (PIEIDADE, 2019, p. 38).

Na sessão intitulada “A Cor da Faxina no Brasil”, a autora vai adensar as problematizações sobre estabelecer uma democracia feminista, tendo em vista que as relações raciais no Brasil são ancoradas no mito da democracia racial. Vilma Piedade aproxima a figura da faxineira ao mito, pois os trabalhos subalternos seguem ocupados por pessoas negras e isso é decorrente do racismo que é propagado por homens brancos, mas também por mulheres brancas, essas que constroem o feminismo. Com isso, a autora aposta no Diálogo e na Escuta para a consolidação dessa democracia feminista que pressupõe inserir mais mulheres nos espaços de poder. Por fim, a autora aponta que:

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seus significado, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra a Dororidade (PIEIDADE, 2019, p. 46).

Recomendo a leitura de Dororidade, pois Vilma Piedade apresenta a realidade das mulheres pretas brasileiras e desautoriza o feminismo que não revê seu projeto de sociedade. Enquanto feminista negra percebi nesta obra o posicionamento assertivo de Vilma Piedade acerca de uma democracia feminista que jamais será exitosa sem a incorporação dos saberes produzidos por mulheres pretas. Para a consolidação dessa democracia o feminismo contemporâneo tem muito a caminhar, inclusive tomar o racismo enquanto basilar na sua agenda de luta. Acredito que Dororidade fala tanto da dor causada pelo racismo quanto da agência histórica das mulheres pretas na consolidação de outras possibilidades de mundo.

Referências bibliográficas

CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça na sociedade brasileira. In: **Escritos de uma vida**. São Paulo: Polén, 2019. p. 150-184.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledes**. 2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em 18 ago. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.